

Show ao ar livre pede valorização da cultura local



Verônica Carriço, da banda Mata Hari, é uma das que defende um maior apoio ao artista de Brasília

Hoje tem show de rock de graça. Mas os roqueiros que vão tocar querem vender seu peixe: defender a idéia de regionalização da cultura produzida no Distrito Federal. Cansados da velha luta obrigatória do sucesso (Rio, São Paulo etc.), eles querem mais espaço para sua criação aqui mesmo. E, como a praça é do povo, vão começar ocupando a praça, quer dizer, o estacionamento do Cine Brasília, hoje às 15h.

Eles querem aprovar em Brasília uma "lei Sarney" menos elitista, menos burocratizada e que ampare o trabalho criativo e a produção cultural local. E para tanto estão apoiando até mesmo um candidato a deputado distrital que acolheu e deu forma inicial à idéia: o professor Volnei Garrafa, ex-decano de Extensão da UnB. Portanto, quem acha que jovem não gosta de política, errou; e quem acha que roqueiro não participa de campanha eleitoral, errou mais ainda.

Paulo Mattos, da banda Mel da Terra, uma das que vão tocar hoje no estacionamento do Cine Brasília, acha a idéia "superválida". Ele diz que a antiga Lei Sarney era muito complicada, cheia de exigências burocráticas e registros que a tornavam acessível apenas aos "mais poderosos", transformando-a numa "lei elitista".

"É preciso aperfeiçoá-la, como já se fez em São Paulo, com uma lei estadual que protege a cultura local. E vigiar para que a nova lei efetivamente vigore. O trabalho, portanto, não se resume em editar uma lei, mas continuar trabalhando no apoio à produção cultural, o que vai depender, também, de maior organização da categoria dos artistas", defende Paulo Mattos.

Boicote — Já Nid Ramalho — que também vai esquentar o domingo com sua banda — garante que não vai sair de Brasília para ver seu trabalho executado nacionalmente. É suspeita que seja verdade a acusação de que as grandes gravadoras determinam um

boicote à produção regional. "Eu não aceito o esquemão que obriga artistas a irem morar num buraco qualquer no Rio ou São Paulo para verem suas músicas tocadas no rádio", arremata.

Ramalho reclama que Brasília já tem bandas de alto nível e excelentes intérpretes, cujas músicas não chegam às principais emissoras de rádio. "A gente grava disco e o disco não chega ao público", queixa-se, lembrando que a própria Constituição de 1988 tem um dispositivo que obriga à regionalização e descentralização cultural, que até hoje não vigorou.

Ele defende a inclusão, na Lei Orgânica do Distrito Federal que vai ser escrita pela Assembléia Distrital, de um dispositivo que determine a obrigatoriedade de execução de um percentual mínimo da produção local. "Seria um apoio fundamental para os artistas brasilienses e um ótimo exemplo para que outros estados que estão fora do eixo Rio-São Paulo façam o mesmo", diz Nid Ramalho.

Douglas Marques de Sá, pintor, presidente da Associação dos Docentes da UnB (ADUnB), considera essas propostas excelentes, inteligentes e necessárias. "O potencial artístico da cidade não está sendo devidamente explorado", diz ele, "e o Poder Público não está sabendo dar valor aos artistas locais, às vezes por falta de competência, às vezes por falta mesmo de cultura por parte dos que têm os instrumentos do poder nas mãos".

Descentralização - Verônica Carriço, vocalista da banda "Mata Hari" (sem hífen, como ela faz questão de frisar) observa que Brasília é uma cidade fervilhante em matéria de cultura, "mas falta apoio e divulgação". Descentralizar a cultura, resume ela, é de extrema importância. E, entre as rádios locais, a única que tem dado algum apoio às produções da cidade é a Rádio Cultura, que apresenta uma programação bastante variada.

O pessoal integrado à capoeira em Brasília também está entrando na dança. "A cultura alcança profundidade e o homem obtém personalidade quando usufrui das manifestações culturais de sua comunidade", observa Mestre Zulu da capoeira, um destaque de Sobradinho na modalidade.

Zulu lembra que sua proposta para incluir a capoeira no currículo das escolas públicas de Brasília já está em vigor nas unidades da Fundação Educacional, em caráter opcional — como, aliás, ele defende que seja. Ele registra o ecletismo cultural de Brasília, "o que pode gerar manifestações culturais bastante interessantes".

Zulu também vai participar do minifestival de rock, hoje, no estacionamento do Cine Brasília, levando suas equipes para demonstrações. Ele entende que a capoeira se funde ao movimento dos roqueiros, por se tratar de uma dança/luta autenticamente brasileira, a partir de suas raízes africanas, e que precisa de apoio para enfrentar o massacre das lutas importadas trazidas e divulgadas pelo cinema e pela tevê

Durante o minifestival, vai ser distribuída a "Carta à Juventude de Brasília" escrita pelo candidato Volnei Garrafa, do PSDB. Serão 20 mil exemplares numerados, destinados a 20 mil jovens que se preocupam com o destino cultural de sua terra, acentua o candidato. Volnei Garrafa foi o principal incentivador, na UnB, da criação do campus avançado da Ceilândia. Mas, mesmo fechando seu apoio a Volnei, os roqueiros avisam que o minifestival de hoje não é um comício — "ninguém vai fazer discurso" — e sim uma manifestação em defesa da regionalização cultural do DF.

Manifesto Apaixonado

CARTA À JUVENTUDE DE BRASÍLIA

Este é um manifesto pelo direito à rebeldia. Uma denúncia e um convite. Denúncia do que é gasto e velho. Convite ao mundo novo.

Próxima da virada do milênio, a humanidade se vê de frente a uma realidade moral e ética profundamente conflitiva. O desenvolvimento científico e tecnológico, que leva o homem ao espaço cósmico, é incapaz de resolver o prosaico problema alimentar diário dos cidadãos pobres. Crianças e idosos morrem abandonados pelos alamedados da vida. Anônimos. Sem chance. Sem manchete na TV ou jornal.

O ato heróico de um jovem, gravado na mente de todo planeta, determinou o novo homem. Em junho de 1989, na Praça da Paz Celestial, em Pequim, um franzino gigante chinês de 19 anos desafiou toda a parafernália científica e tecnológica representada por um sofisticado tanque de guerra, exclusivamente com sua vontade decidida, sua confiança no próprio homem, sua esperança. A esperança que é sempre tão viva naqueles que querem mudanças, que exigem transformações, que sonham com nuvens esvoaçantes, mas também com a semente fértil na terra úmida e cheirosa.

O simbolismo do gesto do pequeno chinês traz, na sua transparente manifestação, o desejo renascido da liberdade. O coração da juventude não tem lugar para coisas velhas. Os rancos e amarguras passados não fazem parte da sua história. Na Tchecoslováquia, Holanda ou Moçambique, Nicarágua, Japão ou Brasil, no fundo, o jovem é sempre o mesmo, pronto a denunciar e a criar. Denunciar dogmas mofados e estruturas desumanizantes; criar expectativas renovadas e o renascer do humanismo.

No limiar do ano 2.000, o homem volta a crer no homem. A (re)construção começou. Aqui nesta Brasília tolhida e libertária; casta e desviada; terna e sensual; política e alienada. Neste contraditório Brasil, tão rico e tão pobre, onde milhões de pessoas vivem em miséria absoluta, este relâmpago incandescente se fará ver e ouvir. O urutu belicoso será não só desviado de rota, mas pulverizado pelo voto consciente desencadeado nas ruas, quadras, jardins e alamedas, guiado pela força incontrolável de bandos de jovens inquietos, cheios de coragem, ternura e firmeza.

O novo jovem moldará o novo homem. Que será um homem sem moldes, sem estereótipos fabricados artificialmente por uma estúpida sociedade consumista e fútil. Mas que, acima de tudo, terá um caráter cristalino como o orvalho matinal, sincero como a limpidez das noites de agosto no Planalto Central, forte como os ventos do outono e, ao mesmo tempo, frágil como a primeira flor da primavera.

Esta é a síntese da nova era: a contradição assumida no homem/mulher, na mulher/homem. No amigo/companheiro, no inimigo/irmão. No rompimento com o falso moralismo e na implosão dos estatutos conservadores. Na caminhada pela libertação da hipocrisia nas relações sexuais. Na discussão aberta e lúcida sobre casamento, drogas, religião. Enfim, na persistência pelo debater, pelo falar, pelo ouvir...

No dia 3 de outubro, a juventude vai se fazer escutar desde as mais cuidadas superquadras do Plano Piloto, até os becos mais esquecidos das Cidades Satélites; da alegria dos bares e discotecas, à penúria de lares e bibliotecas. De braços entrelaçados, os mais de 500 mil jovens de Brasília acionarão botões eletrônicos que iluminarão de cores fascinantes nosso céu e trarão a força da chuva de verão para nossa terra generosa; embalados pela melodia suave e consciente do comprometimento com o amanhã, incendiarão a cidade com apoio sincero e desprendido, com a certeza da injustiça presente e com o fervor na justiça futura.

Assim, com alegria contagiante e fé na humanidade, enterrando um capitalismo selvagem e um socialismo ultrapassado, nascerá um imaculado processo socializante e verdadeiramente democrático, onde o povo determina o Estado e não onde o Estado oprime o povo. Onde as lutas por saúde, educação e moradia saiam do "pântano enganoso das bocas", para se tornarem uma realidade irreversível e onde o processo de industrialização floresça em equilíbrio com o meio ambiente e a qualidade da vida, objetivando fundamentalmente o bem-estar da população.

O mundo, então, estará (re)começando a ser salvo. E o terceiro milênio, pela força do corpo e da cabeça dos jovens, iniciará abençoado por um novíssimo testamento, que substituirá o antigo e o novo. Que terá uma só lei e que nem lei será.

A PARTIR DE AGORA O PROIBIDO É PROIBIR E O HOMEM SERÁ OBRIGADO A SER LIVRE.

VOLNEI GARRAFA